

O Preceito do Dia: educação e saúde no Diário dos Campos
(1951-1955)

Prescription of the Day: education and health in the Diário dos
Campos (1951-1955)

Maura Regina Petruski*
Niltonci Batista Chaves**

Resumo

A coluna “O Preceito do Dia”, produzida pelo Serviço Nacional de Educação Sanitária, foi publicada durante a primeira metade da década de 1950, cabendo ao “Diário dos Campos” a difusão dessa coluna em Ponta Grossa e na região dos Campos Gerais. Com teor voltado para a educação sanitária, “O Preceito do Dia” se destinava a um público amplo e tinha uma nítida preocupação pedagógica com as massas. Analisar as estratégias discursivas da referida coluna e compreender como o jornal ponta-grossense serviu aos fins desejados pelo SNES constituem os principais objetivos deste texto.

Palavras-chave: Educação sanitária. Discurso. Jornalismo.

Abstract

The column “Prescription of the Day”, created by the Brazilian National Education and Health Services (SNES), was regularly published during the first half of the 1950’s. The “Diário dos Campos” was able to diffuse it in Ponta Grossa and all throughout the Campos Gerais region. Using texts on health education, the “Prescription of the Day” was aimed towards a widespread population group, being particularly concerned with educating the masses. By analyzing the discursive strategies of this column we will be able to understand in which way the Ponta-Grossian newspaper was used in order to meet with the goals set up by the BNEHS (SNES). These are the text’s main objectives in this article.

Keywords: Health education. Discourse. Journalism.

* Doutora em História (UFPR). Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: mpetruski@uol.com.br

** Doutor em Educação (UFPR). Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: nbc.chaves@uol.com.br

Introdução

A chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, correspondeu ao início de um novo período para a imprensa nacional. Maria Helena Capelato destaca o uso da imprensa na Era Vargas como uma forma de eliminar as oposições e vozes discordantes do regime. Para tanto, o Estado se valeu de órgãos e métodos criados especialmente para esse fim, com destaque para o Departamento de Imprensa e Propaganda (1939).¹ Para Capelato:

O controle da imprensa deu-se não apenas através da censura, mas também de pressões de ordem política e financeira... A cooptação dos jornalistas se deu através das pressões oficiais, mas também pela concordância de setores da imprensa com a política do governo. É importante lembrar que Getúlio Vargas atendeu a certas reivindicações da classe, como por exemplo a regulamentação profissional que garantia direitos aos trabalhadores da área. Muitos jornalistas não se dobraram às pressões do poder, mas, segundo Nelson Werneck Sodré, foram raríssimos os jornais empresariais que não se deixaram corromper pelas verbas e favores oferecidos pelo governo.²

Outra característica marcante no jornalismo brasileiro durante tal período era a perspectiva local da maior parte das publicações, uma vez que a maioria dos periódicos que circulavam no país atingiam regiões e públicos restritos e específicos. Esse é o caso do Diário dos Campos, o mais antigo jornal do interior do Paraná, e que até a década de 1950 se configurou no principal veículo de comunicação do *hinterland* paranaense.

Devido à falta de outros veículos de comunicação na cidade, o DC se consolidou como um importante produtor de informações e discursos sobre o cotidiano ponta-grossense, mantendo-se, até a década de 1940, como o único órgão informativo local,³ situação que contribuiu para consolidá-lo como o mais popular veículo de comunicação da região dos Campos Gerais do Paraná. Em suas páginas, mesclavam-se temas internacionais, nacionais, regionais e locais, atendendo assim as expectativas de um público leitor carente de informações relacionadas aos contextos mais amplos, mas,

¹ O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi criado por decreto presidencial em dezembro de 1939. Sua função era difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares. As origens do DIP estão no início da década de 1930, mais especificamente em 1931, quando Vargas criou o Departamento oficial de Publicidade e em 1934 o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural. No início de 1938, já no Estado Novo, esse Departamento passou a se chamar Departamento Nacional de Propaganda, sendo substituído mais tarde pelo DIP.

² CAPELATO, M. H. R. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 175.

³ Somente em 1941 surgiu a Rádio Clube Pontagrossense, e em 1954, o Jornal da Manhã.

ao mesmo tempo, preocupado com a realidade mais próxima na qual se desenrolavam as tramas sociais, políticas e culturais cotidianas.

A partir da década de 1950, nota-se uma importante mudança na estrutura empresarial do jornalismo brasileiro. Com o salto da industrialização e o aumento da população urbana, a imprensa nacional ganhou novo fôlego e assumiu novos contornos. As empresas gráficas se reequiparam com máquinas vindas do exterior e expandiram sua capacidade de impressão. Assim, os jornais de grande circulação passaram a controlar o mercado da informação no país, conforme destaca Renée Zicman:

A partir da década de 1950 observamos algumas modificações na Imprensa Quotidiana: o tradicional “jornal de opinião” vai sendo substituído por um novo tipo de Imprensa com o aparecimento da “Imprensa de Informação”, que nega as características políticas e ideológicas tão marcantes na Imprensa do período anterior. O julgamento crítico vai sendo substituído pela pretensa “objetividade”... Observa-se também o início do processo de concentração das empresas jornalísticas com o surgimento dos grandes grupos de Imprensa e o desaparecimento dos pequenos jornais políticos, acompanhados pelo declínio da estrutura orgânica dos jornais.⁴

O Estado, valendo-se da capacidade de informação a disposição no país, utilizou-se fartamente dos jornais como mecanismos de difusão de suas mensagens e valores. Mesmo sem as práticas de controle de informação e censura do período anterior, o discurso oficial continuou a ser veiculado cotidianamente nos jornais brasileiros por meio de publicidade, charges, colunas ou grandes reportagens. A partir do início do século XX, com o avanço das epidemias nas cidades brasileiras, é possível observar também a utilização de jornais na difusão de práticas educativas de saúde nos momentos de crises sanitárias. Ao estudar a gripe espanhola na cidade de São Paulo no ano de 1918, Claudio Bertolli Filho apresentou os jornais como uma de suas principais fontes:

Em relação aos documentos que alicerçam essa pesquisa, deu-se especial atenção aos jornais diários paulistanos que, melhor do que qualquer outra fonte, oferecem uma quantidade incalculável de informações sobre aspectos específicos da epidemia e do cotidiano da cidade pestilenta. A preocupação em analisar o conteúdo do discurso da imprensa foi essencial para a compreensão da São Paulo epidêmica. Cartas de leitores aflitos, anúncios, vinhetas, ilustrações, alteração do número de páginas, editoriais e notícias, todo o jornal transformou-se num repertório noticioso sobre a Paulicéia enferma.

⁴ ZICMAN, R. B. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Revista História e Historiografia*, n 4, São Paulo, EDUC, junho/85, p. 92.

Recorreu-se à leitura de oito diários de diferentes matizes jornalísticos com o fito de comparar as informações veiculadas que, como em outras fontes, constantemente se contradiziam. Essa peculiaridade sugeriu caminhos de análise sobre as visões possíveis da crise sanitária, nos diferentes segmentos sociais.⁵

Em seu livro *Influenza, a medicina enferma*, Liane Bertucci destaca a presença dos jornais paulistanos que informavam sobre a chegada da epidemia, o número de mortos, o caos instalado na capital bandeirante, as vozes dissonantes sobre o tema e as terapias possíveis – das médicas às populares – para o combate da doença:

No final do mês de outubro, um morador da Penha escrevia a vários jornais da capital fornecendo a receita que durante anos o havia resguardado, bem como a sua família, das gripes que anualmente atormentavam os moradores de São Paulo. Afirmava o solícito habitante da capital que havia tempos ninguém em sua casa ficava gripado devido ao uso do alho e cebola crus, mastigados durante as refeições. Dois ou três dentes de alho ou um pedaço grande de cebola eliminavam nos adultos o risco de contrair a doença ou acabavam com a moléstia dos enfermos de gripe depois de algumas “doses”.⁶

A partir da década de 1930, e da política varguista que aproximou oficialmente educação e saúde, os jornais passaram a disseminar sistematicamente as políticas governamentais no campo da educação sanitária, mantendo-se como importantes órgãos de informação em todo território nacional. Com a criação do Serviço Nacional de Educação Sanitária, em 1941, os jornais brasileiros receberam e publicaram inúmeros artigos, colunas e peças publicitárias voltadas para a educação sanitária da população, assumindo um claro papel pedagógico perante a sociedade brasileira. A publicação cotidiana de notícias relacionadas à saúde, terapias, prevenção de doenças e higiene acabou por estabelecer uma interligação entre o Estado, as políticas sanitárias e a população. Nesse sentido é possível afirmar que o discurso científico produzido pelo SNES acabou legitimando o projeto político implementado por Vargas e efetivado, neste caso, pelas ações coordenadas pelo ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema.

A tentativa de inculcar práticas sanitárias a partir dos textos publicados nos jornais e assinados pelo SNES pode ser interpretada como uma forma

⁵ BERTOLLI FILHO, C. *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: Epidemia e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 20.

⁶ BERTUCCI, L. M. *Influenza, a medicina enferma*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 225.

de estabelecer normas de legitimação de comportamentos individuais e coletivos. As perspectivas de benefício, castigo e culpa estiveram implícitas no discurso oficial disseminado a partir das páginas dos periódicos brasileiros.

O Preceito do Dia: um estreito vínculo entre educação e saúde

Órgão originalmente vinculado ao Ministério da Educação e Saúde Pública, o SNES tinha como uma de suas principais atribuições a (re)produção de um discurso direcionado ao campo sanitário, mas fundamentado numa perspectiva essencialmente pedagógica. Para tanto, valeu-se de uma série de práticas discursivas que, aliadas ao modelo de controle da informação existente no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945), resultaram na consolidação de uma série de representações sociais e no fortalecimento de um imaginário coletivo, decisivos para o projeto de educação sanitária estruturado naquele período.

Tal projeto se caracterizou, entre outras coisas, por um esforço na popularização, em todo o território nacional, de uma série de inovações técnicas e metodológicas em práticas sanitárias, pela formação e qualificação de grupos voltados para a disseminação de ações sanitárias e pelo uso maciço de recursos audiovisuais (como livros, cartilhas, manuais, filmes, etc.). Ao analisarem a política de educação sanitária desse período, pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz fizeram menção ao papel desempenhado pelo Serviço Especial de Saúde Pública (criado em 1942) e afirmam que tal política se estruturava a partir da

concepção de que a doença era um fenômeno individual, tornava-se necessário vencer as barreiras sociais, econômicas, culturais e até psicológicas que as “populações atrasadas” ofereciam às necessidades de modernização da sociedade. Com a preocupação de educar o homem rural e do interior e outros marginalizados, a educação ganha uma nova dimensão: a educação de adultos. Uma vasta literatura científica nacional registra, em suas várias dimensões, a evolução da educação sanitária no Brasil no período (Bastos, 1995; Oshiro, 1988; Canesqui, 1984; Melo, 1984), lembrando, de forma recorrente, o uso de recursos audiovisuais no âmbito das “novas técnicas de educação sanitária” implementadas pelo SESP (especialmente filmes 16mm e os chamados slide sounds ou diafilmes).⁷

⁷ GUIMARÃES, M. C. S.; SILVA, C. H. da; SOUZA, R. A. de; SANTOS, R. T. dos; SILVA, L. R. da. *Educação sanitária em 16mm: memória audiovisual do Serviço Especial de Saúde Pública - SESP*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000100003>. Acesso em: 04 jan. 2013.

Para que o SNES atingisse seus objetivos e estabelecesse “verdades históricas”,⁸ foi essencial a existência de um aparato de controle de informação e de mecanismos de censura, típicos dos regimes autoritários daquele período. Nesse sentido, o Departamento de Imprensa e Propaganda teve papel decisivo para a efetivação das ações do SNES, garantindo a reprodução das mensagens e discursos oficiais, eliminando as condições para que outros imaginários e representações fossem construídos e disputassem espaços com a ideologia oficial. Ao estudar as estratégias adotadas pelo SNES, Jean Abreu indicou que o modelo se reproduziu por todo país, adequando-se a cada realidade local ou regional:

Outro meio de educação sanitária consistia em pequenos artigos publicados na seção Educação Sanitária do jornal Minas Gerais e distribuídos a outros diários da capital, como o Estado de Minas e Folha de Minas, além de jornais do interior. O rádio e o jornal atuaram conjuntamente na divulgação dos preceitos de saúde ao povo mineiro... Além de rádio e jornal, o Serviço contava com a distribuição de cartazes, folhetos e livros em instituições públicas e privadas de ensino principalmente em escolas rurais dos municípios... Cabe notar que a utilização da imprensa e do rádio na promoção da educação sanitária em Minas Gerais seguia uma tendência nacional. O recurso a meios de comunicação de massa para difundir preceitos de higiene e saúde tais como cartilhas, rádio e filmes foram estratégias amplamente usadas no país, nas décadas de 1940 e 1950.⁹

Contudo, essa não parece ter sido uma tarefa das mais fáceis. Educar uma população majoritariamente rural e analfabeta para a saúde, por meio da implantação de políticas públicas de educação sanitária, certamente exigiu um esforço considerável por parte do Estado brasileiro. Entre os materiais publicados pelo SNES, ainda na década de 1940, estavam as cartilhas ilustradas por Luiz Sá, afamado desenhista brasileiro, criador do célebre trio formado por Reco-Reco, Bolão e Azeitona, personagens principais de “O Tico-Tico”, revista de quadrinhos mais popular do Brasil na época. O sucesso

⁸ Tal expressão é utilizada por Bronislaw Baczko, no verbete “Imaginação Social”, disponível na Enciclopédia Einaudi, V. 5. De acordo com o autor, é fundamental para toda e qualquer sociedade a produção de um sistema de representações e de símbolos que a traduzem e legitimam. Toda vez que tais representações e símbolos são dessacralizados aparece a necessidade de substituí-los por outros novos e legítimos. Partindo desse ponto de vista, todas as sociedades estabelecem seus conjuntos próprios de símbolos e representações e que estes se dispõem de tal forma que acabam por se estabelecer de modo incontestável assumindo a condição de “verdades históricas”. Para Baczko, cabe as instituições que dispõem de técnicas de manejo para tanto, fixar tais “verdades históricas” nos imaginários coletivos.

⁹ ABREU, J. L. N. *Educação sanitária e saúde pública em Minas Gerais na primeira metade do século XX*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000100013>. Acesso em: 14 jul. 2010.

desse personagens levou Sá a ser contratado como ilustrador oficial do SNES, como ressalta Pedro Paulo Soares:

Temas tão importantes de educação para a saúde exigiam ilustrações à altura. Por isso, foi convocado um *fera* dos quadrinhos e cartuns como Luiz Sá para ajudar a confeccionar as cartilhas... Os livrinhos tratavam de assuntos variados de saúde, higiene e alimentação. Falavam de doenças específicas, mas também de cuidados do cotidiano. Uma delas ensinava até mesmo a que horas as pessoas deveriam tomar banho! “Todos os dias, de preferência pela manhã”, era o que se acreditava na época ser o mais certo. Regras de como cuidar das desagradáveis espinhas, e de como escolher os alimentos mais nutritivos são outros exemplos do conteúdo desse curioso meio de divulgação.¹⁰

Além do cuidado com a saúde física, a ação sanitária e pedagógica do SNES também se voltava para as questões de comportamento coletivo. Tão fundamental quanto cuidar do corpo e combater as doenças do indivíduo, era necessário cuidar da sociedade.

Ilustrações de Luiz Sá nas cartilhas do SNES



<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=921&sid=7>

A disseminação da metáfora do corpo social ajudou a alinhar as intenções do ideal corporativista do Estado: “um conjunto social equilibrado, no qual as tensões e os conflitos ficam fora de lugar pela natureza singular de sua constituição”.¹¹ O momento de criação do SNES correspondeu ao período que antecedeu a entrada do Brasil na II Guerra Mundial. A militarização dos corpos, a disciplina, a hierarquia, a autoridade e a obediência foram exaltados como modelos para uma vida sadia, socialmente útil e moralmente inatacável. Tais perspectivas se mantiveram intactas ao longo da década

¹⁰ SOARES, P. P. *Serviço Nacional de Educação Sanitária* – o estreito vínculo entre educação e saúde. Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=922&sid=7>>. Acesso em: 10 out. 2007.

¹¹ LENHARO, A. *A sacralização da política*. São Paulo: Unicamp/Papirus, 1986. p. 74.

de 1940 e atingiram os anos 50. Mesmo num outro contexto social e político, após o fim do Estado Novo e a desativação dos aparelhos de controle de informação, o SNES continuou exercendo suas funções originais.

A década de 1950 ficou marcada como um momento de crescimento da população urbana e de ampliação do mercado produtivo e de consumo no país. Os setores populares da sociedade brasileira passaram a ter mais acesso aos bens industrializados e com isso adquiriram novos hábitos. Nos jornais, uma publicidade agressiva impulsionou o consumo generalizado de bens diversos, conforme Olga Brites registrou:

A propaganda, ao mesmo tempo que se articula com problemas gerais de políticas públicas, cultura e periodismo – questões como censura, incentivos temáticos, projetos gerais, possibilidades técnicas e comerciais da produção –, manteve um projeto próprio no que se referia ao universo do consumo, percorrendo questões de saúde, alimentação, vestimenta, beleza, modernidade, louvor do mundo industrial, sob o signo do consumo como solução universal para todos os males. Esse consumo possuía ainda uma face, talvez inconsciente e involuntária, de direito ao prazer, acenando com a possibilidade de diferentes camadas sociais tomarem conhecimento de bens e serviços, ansiando pelo acesso ao seu mundo...¹²

Percebendo os novos apelos e impulsos publicitários e como eles interferiam e ampliavam as práticas relacionadas ao comportamento social, sanitário e higiênico, o SNES investiu na criação de um novo mecanismo de difusão dos ideais de educação sanitária: a coluna “O Preceito do Dia”. Etimologicamente a palavra preceito vem do latim *praeceptum* e entre seus significados estão os conceitos de “lição”, “instrução”, “ordem”, “regra” e “norma”. Em 1951, ano em que o SNES criou a coluna “O Preceito do Dia”, possivelmente os intelectuais ligados a esse órgão levaram em conta as perspectivas de instrução e de norma como essenciais para sua aplicabilidade.

Nos anos 1950, o SNES manteve as diretrizes pedagógicas próprias da década de 1940 e do Estado Novo. As orientações contidas nas colunas eram dirigidas às questões que perpassavam os cuidados físicos e mentais, os comportamentos morais, sexuais e sociais, a educação e socialização dos filhos, os hábitos alimentares e os vícios. Com uma linguagem ao rés-do-chão e voltada para um público amplo, a coluna passava conselhos básicos: recomendava que em casos de dores ou doenças sempre se procurasse um médico especialista, explicava como os alimentos deveriam ser cozidos e

¹² BRITES, O. Infância, higiene e saúde na propaganda: Usos e abusos nos anos 30 a 50. *Revista Brasileira de História*, v. 20, n. 39, São Paulo, ANPUH/FAPES, 2000, p. 251-252.

limpos, destacava a importância dos banhos diários e combatia vícios como o fumo e o álcool.

Aquele era um momento em que as cidades brasileiras recebiam um grande número de pessoas vindas da zona rural, sendo que o analfabetismo e a educação formal rudimentar eram elementos comuns à sociedade nacional. Hábitos que atualmente são incorporados já na tenra idade, ainda precisavam ser inculcados em boa parte da população. O apelo desenvolvimentista de então fazia com que o Estado compreendesse que as novas gerações deveriam estar aptas para dar prosseguimento a tal tendência. Segundo Pedro Paulo Soares, atualmente o indivíduo tende a aprender

em casa e na escola que deve lavar as mãos antes das refeições, escovar os dentes, tomar banho e se vacinar [...] Mas nem sempre foi assim [...] e o Estado pôs em prática a idéia de educar a população para a saúde.¹³

Em meados do século XX, Ponta Grossa tinha no jornal “Diário dos Campos” o seu principal veículo de comunicação impresso, e foi ele que publicou a referida coluna. Como os textos eram assinados pela sigla SNES, conclui-se que essa era uma publicação feita em diversos jornais do país, pois o órgão tinha abrangência nacional e não investiria na publicação de um material educativo apenas em um periódico que tinha sua circulação restrita ao interior paranaense.¹⁴ No DC, “O Preceito do Dia” apareceu inicialmente no dia 09 de novembro de 1951 e foi veiculado até o dia 13 de novembro de 1955. Ao longo desse período, foram publicadas mais de quatrocentas edições. Sua periodicidade era razoavelmente regular. Por vezes é encontrada em dias seguidos, outras a cada dois dias e, em algumas situações, num espaço temporal de, no máximo, cinco ou seis dias. Há também diversas edições nas quais o jornal repetiu a mesma coluna.

Do ponto de vista físico, os “Preceitos” ocupavam um espaço reduzido. Seus textos eram simples e objetivos, não passando de quinhentos caracteres por edição, dispostos em cerca de vinte linhas. Geralmente eram impressos na terceira ou na oitava página do jornal em meio às notícias cotidianas de

¹³ SOARES, op. cit.

¹⁴ A reprodução dos postulados concebidos pelo SNES garantia a disseminação de suas recomendações em todo território nacional. Em um artigo denominado “As Ciências Sociais e a educação sanitária no SESP: estratégias de convencimento interno”, José Leandro Cardoso estuda a questão dos serviços de saúde pública no Brasil da década de 1950 e destaca a variedade de temas abordados pelo Serviço e sua preocupação com a educação sanitária e com os padrões de comportamento, construindo a perspectiva de hábitos saudáveis.

âmbito local ou nacional.¹⁵ A coluna era graficamente simples e não contava com moldura ou arte que a distinguísse de outros textos. Invariavelmente iniciava com o título da coluna – “O Preceito do Dia” – em negrito e em tamanho maior do que o corpo do texto. Em seguida, em caixa alta, vinha o tema da edição, depois o corpo textual e, por último, três ou quatro linhas também em negrito, que reforçavam pedagogicamente sua idéia central. Por fim, a assinatura: “SNES”.

Do ponto de vista temático é possível perceber a amplitude do campo da educação sanitária dentro da estrutura de funcionamento do SNES, porém não se identifica uma lógica nas publicações do DC que correspondesse aos momentos de epidemia ou doenças de época. No caso específico de Ponta Grossa, no ano de 1950, a cidade contava com 42.875 habitantes e no decorrer da década seguinte apresentou um crescimento populacional anual médio de 6,1%. Dessa população, estima-se que aproximadamente 75% se concentrava na zona urbana do município.¹⁶

Aproximando as práticas discursivas da coluna “O Preceito do Dia” com a realidade social pontagrossense, é plausível imaginar que ela tenha sido bem aceita na cidade, uma vez que as suas orientações contribuíam para reforçar a representação de “cidade civilizada” disseminada pelo próprio DC e corrente em Ponta Grossa no período. Uma das preocupações mais evidentes da coluna se relacionava à educação infantil. Dirigindo-se sempre aos pais, tratou da saúde física e corporal, dos cuidados com a higiene e com hábitos e comportamentos transmitidos pelos genitores.

No campo da educação, como observa Mary Del Priore (1999), o estudo das representações ou das práticas da infância tem sido objeto de estudo da historiografia. Cuidados com o corpo, alimentação, brinquedos, laços familiares e comportamentos sociais têm sido investigados.¹⁷ Sobre a educação e a vigilância das crianças no Brasil, Vera Beltrão Marques afirma que desde o início do século XX é possível encontrar trabalhos e conferências apresentados em congressos de saúde discutindo cuidados [eugênicos] necessários às crianças. Ela destaca o papel da Clínica de Eufrenia, criada em 1932 no Rio de Janeiro. Fundada a partir de uma associação entre a

¹⁵ Na década de 1950 o Diário dos Campos era composto por oito páginas. Nas três primeiras, concentravam-se as notícias locais, nacionais e internacionais. A quarta página era reservada para as matérias sobre o esporte. Na quinta, sexta e sétima páginas ficavam os anúncios, indicadores profissionais e ofertas do comércio local. Na última página ficava a sessão “A cidade em Revista”, na qual se publicavam as chamadas notas mundanas sobre Ponta Grossa.

¹⁶ Os números contidos nesse parágrafo foram extraídos dos Censos de 1950 e 1960.

¹⁷ DEL PRIORE, M. (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

Prefeitura, a Liga Brasileira de Higiene e a Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, tinha como sua principal função acompanhar o psiquismo infantil. Para Marques:

As funções da clínica variavam conforme o público; nos lactentes, restringia-se ao acompanhamento do desenvolvimento neurológico e mental da criança; nas crianças de dois a seis anos, buscava auxiliar na adequada formação do psiquismo, da personalidade e do caráter – idade ideal para eufrenização; nos demais, intentava superar conflitos emocionais da segunda e terceira infâncias.¹⁸

As afirmativas de Del Priore e Marques indicam um conjunto de práticas educativas adotadas no Brasil com relação à educação infantil e tornam-se pertinentes ao olharmos para os textos publicados a respeito das crianças na coluna assinada pelo SNES. A respeito desse tema, as observações contidas nos “Preceitos” davam conta de que “na formação das crianças a educação é decisiva” e os pais deveriam se preocupar para que os filhos se educassem de forma a se tornarem úteis “aos semelhantes”, uma vez que os “maus hábitos adquiridos na infância mantêm-se durante a vida tornando o indivíduo desajustado e infeliz, isto é, um ser fora das normas da sociedade”.¹⁹

A coluna orientava sobre a necessidade de promoção de uma permanente higiene mental dos filhos, evitando maus hábitos, personalidades fracas, incapacidades, desajustes e comportamentos antissociais. Os redatores lembravam que “o comportamento dos pais reflete-se profundamente na moral dos filhos”, e que “excesso de mimo” e o estímulo de figuras míticas como o “bicho papão”, a “onça pintada” e o “velho do saco” eram coisas prejudiciais. Assim, competia aos pais combatê-los, pois

quando a criança tem cacoetes, chupa o dedo, rói as unhas, mostra-se implicante, mal humorada, desobediente, preguiçosa, indisciplinada, tem receios, temores, medo da escuridão – é quase sempre há desajustamentos no lar ou ela não recebeu educação adequada. Seguidos dos conselhos da Higiene Mental, tais males serão seguramente afastados.²⁰

Quanto aos hábitos alimentares saudáveis, os conselhos não se restringiram apenas às refeições feitas em casa – as quais deveriam contar sempre com frutas, legumes e vegetais frescos, evitando produtos

¹⁸ MARQUES, V. R. B. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Unicamp, 1994. p. 131.

¹⁹ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 17 de abril de 1955.

²⁰ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 10 de outubro de 1954.

industrializados – mas se estenderam àquilo que as crianças comiam fora do ambiente doméstico, pois “as merendas que as crianças levam para a escola devem ser criteriosamente escolhidas”.²¹ Aos pais sempre foi recomendado o cuidado com as doenças contagiosas, como as gripes e febres eruptivas, com a dentição, com a tuberculose e até mesmo com o aumento das adenóides, visto como um dos principais motivos da causa de rebeldia infantil.

Outro tema amplamente debatido pela coluna foi o cigarro. Ao tratar do fumo e dos malefícios causados aos fumantes, os textos da coluna enfatizavam que o cigarro era um “agente traiçoeiro” e que “a quantidade de nicotina existente num cigarro é suficiente para causar a morte”.²² Esse foi um período no qual a incidência de casos de câncer crescera rapidamente. Como afirma Susan Sontag, o diagnóstico do câncer era tratado como um estigma, uma maldição, um castigo e uma vergonha, sendo até mesmo comum não pronunciar o nome da doença para não atrair o mal.²³ Sua letalidade provocou pânico entre médicos e pacientes e o hábito de fumar foi apontado como uma das principais causas de ocorrência da doença. Na conjugação entre o contexto político-ideológico da década de 1950 e o avanço de doenças como o câncer, se encontrava a afirmação de que o fumo se constituía em um verdadeiro “agente” da “quinta coluna contra a saúde”.²⁴ Em tempos de Guerra Fria, o uso de tais expressões vinha carregado de valores negativos, remetendo aos indivíduos ou grupos clandestinos que atuavam subversivamente durante guerras civis ou internacionais. Infiltrados e disfarçados, os “agentes”, ou “quinta coluna”, eram propagadores do mal – e do mau – contra quem os cidadãos de bem deveriam estar permanentemente atentos.

O Preceito do Dia também dispensou atenção especial para as doenças mentais, lembrando que, apesar da legislação falar em tratamento, proteção legal e amparo social aos portadores de deficiência mental, a sociedade brasileira apresentava sinais de resistência com relação a esses doentes e existia a necessidade de educar a população para que ela compreendesse que os “dementes” não eram “criaturas estranhas, possuídas por entidades misteriosas ou diabólicas”, esclarecendo ainda que “atualmente são considerados doentes que precisam dos mais atentos cuidados médicos e sociais”.²⁵ As principais proposições de “O Preceito do Dia” para o caso dos

²¹ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 18 de janeiro de 1955.

²² *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 12 de julho de 1953.

²³ SONTAG, S. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 78.

²⁴ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 22 de junho de 1955.

²⁵ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 17 de julho de 1952.

doentes mentais se voltam para a recomendação aos leitores para que estes procurassem “encaminhar os doentes mentais aos hospitais e serviços clínicos especializados, para eles receberem tratamento conveniente”,²⁶ uma vez que o doente mental “não é um ser estranho, um transviado como diziam antigamente, que merece castigo e cadeia. O doente mental é apenas um doente e, como os demais, tem direito a tratamento adequado”.²⁷

As doenças venéreas também foram focalizadas em “O Preceito do Dia”. Para Marie-José Imbault-Huart “cada época investe numa doença a sua angústia diante da fragilidade da condição humana e procura por todos os meios negá-la, ocultá-la, afastá-la do seu horizonte e, último recurso, fugir daqueles que são atingidos por ela”.²⁸

Nessa perspectiva, determinadas doenças corresponderam ao arquétipo da impotência no controle da doença e da morte. Essa assertiva pode ser aplicada à sífilis no Brasil de meados do século passado, momento em que foi responsável por grande número de mortes no país. Considerada uma doença silenciosa, devido sua relação com a sexualidade e com os condicionantes morais que envolvia, foi um dos flagelos que mais exigiu ações dos órgãos de educação sanitária para sua identificação e terapia.

Ao estudar a sífilis no Paraná na década de 1920, Vera Beltrão Marques destacou as práticas regulamentares de controle das prostitutas adotadas pelo médico sifilógrafo Heráclides Souza Araújo e pelo sanitarista Barros Barreto. Nas décadas seguintes as campanhas antivenéreas se mantiveram como um dos pontos centrais da reforma sanitária no Brasil, inserindo-se nelas o princípio da conquista dos direitos sociais pela população.²⁹ Vinculada às noções de devassidão e degeneração de comportamento, as discussões sobre as doenças venéreas encontradas na coluna “O Preceito do Dia” eram dirigidas ao público masculino e se não acusavam este de culpa pela contração da enfermidade, colocavam sobre ele a responsabilidade pelo tratamento e cura das mesmas. Todas as vezes que a coluna tratou do tema, ela recomendou explicitamente aos doentes que procurassem tratamento adequado para combater o mal, certificando-se, assim, que estavam livres da doença.

²⁶ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 17 de março de 1955.

²⁷ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 13 de julho de 1952.

²⁸ IMBAULT-HUART, M.-J. História do cancro. In: LE GOFF, Jacques. (Org.). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1985. p. 175.

²⁹ MARQUES, V. R. B. A espécie em risco: sífilis em Curitiba nos anos 1920. In: NASCIMENTO, D. R. do; CARVALHO, D. M. de; MARQUES, R. de C. (Orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004. p. 277-294.

Mais do que propugnar pela saúde pessoal do doente, a coluna estendeu seu olhar sobre as mulheres e filhos dos portadores de doenças venéreas, em especial da sífilis, indicando que competia ao homem tomar todas as medidas profiláticas para evitar a infecção de outras pessoas. Ao tratar deste tema delicado, a coluna reconheceu as questões morais que envolviam a sífilis, mas enfatizou a necessidade do tratamento adequado:

Na mitologia Vênus é a deusa do amor. Daí a palavra venérea para qualificar doenças relacionadas com o sexo. Se, no passado, por uma errada compreensão de pudicícia, houve quem propugnasse silêncio em torno desses males, hoje qualquer manifestação nesse sentido seria prova de ignorância ou falta de compreensão de um dos mais importantes problemas médico-sociais da atualidade.³⁰

Tal concepção expressava o modelo social brasileiro do período. A educação sanitária masculina compreendia a sífilis como o inimigo a ser combatido. A recomendação aos noivos era de que fossem feitos exames antissifilíticos antes do matrimônio, pois “a sífilis pode evoluir sem sintomas” e assim, quem casasse sem curar a doença podia “contaminar esposa e filhos”.³¹ Os produtores de discurso do SNES explicavam que apenas depois de fazer exames antisifilíticos os indivíduos poderiam saber se não possuíam a doença ou, no caso dos que haviam sido infectados, se realmente estavam curados. Ao descrever os sintomas que poderiam indicar o contágio pela doença, a coluna explicita que:

Cansaço fácil, fadiga, fraqueza, falta de apetite e emagrecimento não são sintomas característicos de moléstia alguma. Mas, quanto tais sintomas vêm acompanhados de dor de cabeça, dores nos ossos e nas juntas, podem constituir sinais de sífilis, principalmente, se durante a noite, se mostram mais fortes.³²

O que também não passou despercebido para os médicos-educadores do SNES foram as infecções focais e os tratamentos dentários. Apesar do vocábulo “dentista” aparecer no Plano de Exame da Junta Proto-Medicato de 1782, até o século XIX a saúde bucal no Brasil chamava pouca atenção das autoridades. Descrições dão conta de que até o final dos Oitocentos as práticas odontológicas no país eram rudimentares. Os dentes eram extraídos com alavancas improvisadas, as obturações eram feitas com chumbo

³⁰ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 27 de outubro de 1954.

³¹ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 13 de dezembro de 1952

³² *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 23 de março de 1954.

colocado diretamente sobre o tecido cariado e as próteses e dentaduras eram esculpidas em ossos e mal acabadas. Somente em 1911 foi criada a primeira Faculdade de Odontologia no país, um desmembramento da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e apenas em 1965 foi instalado o Conselho Federal de Odontologia.

Ao estudar as práticas educativas de higiene em São Paulo no início do século XX, Heloisa Pimenta Rocha trata do esforço do Dr. Antonio de Almeida Junior, lente de Biologia e Higiene da Escola Normal do Braz, que em 1922, ao apresentar sua tese “O saneamento pela Educação”, para a Faculdade de Medicina de São Paulo, defendeu uma proposta de educação sanitária vinculada à concepção da educação como arte formadora hábitos. Esta compreendia que a educação sanitária deveria ser endereçada para as crianças, pois somente estas seriam realmente educáveis, e que aos adultos a instrução só poderia, no máximo, reforçar hábitos. O Dr. Almeida Junior afirmava que competia ao “professor vigilante” não só combater e corrigir os pequenos vícios, mas, principalmente, inculcar bons hábitos e, assim, redimir as crianças e suas famílias pela ação sobre o corpo, os comportamentos e a alma.

Em seus escritos, Almeida Junior demonstrou especial preocupação com o cuidado dos dentes. Ele entendia que cuidar da dentição era uma prática escolar possível e aconselhável e citava a ação das escolas mineiras que, a exemplo do ocorrido nos Estados Unidos, adotaram essa prática cotidiana para todos os seus alunos:

Um excelente habito, que muitas escolas americanas incutem nos seus alumnos, é o de escovar os dentes. Cada creança tem a sua escova e, num dado momento, preferivelmente depois do lanche, todas ellas são obrigadas a uzal-a, com a mesma ordem e disciplina de um exercício gymnastico. Minas procura obter a mesma cousa, exigindo que todos os alumnos tenham a sua escova de dentes. Aos pobres, o Estado promette fornecimento gratuito. É incalculável a vantagem desse hábito. Creal-o, nas creanças, representa um enorme capital de saúde, com a solução do problema dentário, nas classes populares.³³

Como observou Pimenta Rocha, nessa concepção, não bastava escovar os dentes, mas fazê-lo com disciplina e ordem, como se fosse um exercício físico. Assim como os demais hábitos citados pelo Dr. Almeida Junior, o costume de escovar os dentes era mera obra de um disciplinamento pedagógico capaz de modelar e disseminar as práticas infantis. Esse quadro

³³ ROCHA, H. H. P. *A Higienização dos Costumes: Educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 192.

permite supor que as condições gerais e os hábitos relativos à saúde e à higiene bucal eram bastante precários e que, portanto, na década de 1950, o SNES teve de percorrer um penoso percurso no sentido de inculcar ações educativas nessa área.

Mais uma vez, a coluna “O Preceito do Dia” cumpriu um papel pedagógico informando sobre as doenças mais comuns, recomendando práticas preventivas, indicando a necessidade de visitas frequentes aos profissionais da odontologia e ensinando, até mesmo, como escovar corretamente os dentes:

A limpeza dos dentes deve ser feita várias vezes ao dia. Convém usar escovas de cerdas resistentes, capazes de retirar de entre os dentes os resíduos alimentares.

Escove os dentes, friccionando-os com a escova, durante alguns minutos, em todas as direções. SNES³⁴

A respeito da temática da saúde bucal e da conservação dos dentes, há menção sobre o cuidado com as infecções focais produzidas pelos “germes existentes nas cavidades dentárias”; orientações para que os pais zelassem pela dentição dos filhos, sobretudo a partir dos seis anos de idade, quando “os dentes temporários começam a ficar abalados”;³⁵ informações sobre as afecções dentárias mais comuns, como as cáries, o tártaro, os abscessos, as fístulas e a piorrêia, além de recomendar o consumo de “alimentos ricos em cálcio, fósforo, vitamina D, leite e derivados, ovos, verduras e frutas”.³⁶

Até mesmo o uso da chupeta, um acessório infantil bastante popular no Brasil, foi combatido pela coluna “O Preceito do Dia”. Os possíveis defeitos na arcada dentária e a ameaça de infecções apareceram como razões suficientes para que ela fosse preterida, pois “se as mães soubessem o perigo de vida que correm as crianças habituadas com chupeta, jamais consentiriam no seu uso”, uma vez que as “amas-seca, ignorantes, apanham do chão onde se contaminam as chupetas com micróbios mortíferos e as introduzem inconscientemente na boca das crianças”.³⁷

Informação e educação básicas também foram as estratégias empregadas por “O Preceito do Dia” para esclarecer aos leitores sobre as maneiras de prevenir a transmissão de doenças por meio da água. Apesar de

³⁴ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 24 de dezembro de 1954.

³⁵ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 08 de dezembro e 20 de novembro de 1951.

³⁶ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 03 de abril de 1954.

³⁷ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 13 de maio de 1954.

se inserir oficialmente na faixa das nações com populações majoritariamente urbanas somente a partir do fim da década de 1960, desde os anos 1930 o Brasil experimentou um significativo processo de êxodo rural, o que exigiu uma maior atenção dos poderes públicos no sentido de ampliar e melhorar a infra-estrutura das cidades em todo país. A questão sanitária passou a integrar a agenda nacional de investimentos, e o fornecimento de água e ampliação das redes de esgoto passaram a merecer especial atenção.

Ao SNES coube informar e educar os brasileiros sobre as formas de consumo e, principalmente, os riscos existentes, mas nem sempre perceptíveis, que se escondiam em atos corriqueiros, como, por exemplo, tomar um simples gole d'água. Como o fornecimento de água e as redes de esgoto praticamente inexistentes no meio rural e ainda eram serviços restritos nas cidades brasileiras, e como a utilização de água proveniente de poços, arroios, riachos e olhos d'água era habitual, urgia ensinar à população que a água somente se tornaria potável após ser fervida ou filtrada, na medida em que “os ovos e larvas de parasitas dos intestinos do homem e dos animais são eliminados com as fezes” e quando “a defecação se faz nas proximidades de fontes, nascentes, poços e lagos”³⁸ é muito provável que a água acabará contaminada.

A coluna destacou ainda a necessidade de que frutas, legumes e verduras fossem lavados antes de seu consumo, evitando assim a propagação de doenças como a febre tífica e a disenteria bacilar,³⁹ e ensinou que o consumo regular da água era importante para amenizar possíveis males estomacais ou intestinais, como a prisão de ventre.⁴⁰ A alimentação foi outra preocupação dos redatores de “O Preceito do Dia”. No livro *Geografia da Fome*, de 1946, o médico pernambucano Josué de Castro, causou impacto ao afirmar que a fome no Brasil não era um fenômeno natural e sim social, intencional, e que somente seria superado a partir da eliminação do monopólio da terra. A polêmica ao redor das ideias de Castro fez com que o livro fosse estudado em escolas e universidades brasileiras, contribuindo para a politização do tema e fazendo com que a alimentação e a nutrição passassem a ser reconhecidas como questões associadas à ação do Estado e afetas à saúde pública.

Em razão de sua realidade crônica, a fome suscitou debates deste os tempos coloniais. Mas foi nos Novecentos, com o aumento das concentrações urbanas e emergência dos pobres urbanos que o país

³⁸ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 11 de dezembro de 1951.

³⁹ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 20 de agosto de 1953 e 07 de fevereiro de 1954.

⁴⁰ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 17 de fevereiro de 1952, 18 de março de 1954 e 01 de janeiro de 1955.

acompanhou movimentos como as marchas contra a fome, até que na década de 1940 surgiu a Campanha Popular Contra a Fome (1946) e nos anos 1950 as chamadas “Passeatas da Panela Vazia” (1951/53). Em 1940, Getúlio Vargas criou o Serviço de Alimentação da Previdência Social, cuja principal função era garantir uma alimentação adequada e com custo reduzido para a população de baixa renda por meio da criação de restaurantes populares nas grandes cidades brasileiras. Nos anos seguintes, foram criados cerca de cinquenta restaurantes no país, os quais forneciam milhares de almoços para operários nos próprios locais de trabalho, minimizando os efeitos da fome e da deficiência alimentar.

Em 1943, Vargas criou o Serviço Técnico de Alimentação Social, que teve como tarefa propor medidas, informar e educar a população quanto à melhor maneira de se alimentar, quais eram os alimentos mais nutritivos e quais deveriam ser evitados. Dois anos mais tarde, foi criada a Comissão Nacional de Alimentação, com objetivo de propor uma política nacional de nutrição. Terminada a Guerra e também a Era Vargas, apesar dos esforços realizados nos anos anteriores, os problemas relacionados à alimentação e à fome persistiam no país. Em 1946, o governo brasileiro recorreu à recém-criada Unicef, solicitando ajuda para combater o problema da fome infantil. Aquele era um momento em que os hábitos alimentares pareciam seguir novos caminhos. A aceleração da urbanização e da industrialização, a velocidade das atividades produtivas nas cidades, a inserção gradual das mulheres no mercado de trabalho e o estabelecimento de uma indústria alimentícia que trazia produtos enlatados e engarrafados com aditivos químicos configuravam uma nova realidade nas questões alimentares.

“O Preceito do Dia” criticou o consumo de alimentos gordurosos e saturados por produtos químicos e apontou frutas, legumes e vegetais como alimentos ideais. A carne deveria constar do cardápio uma vez ao dia, pois “consumida demasiadamente, torna-se inconveniente, dá ensejo a formação de ácidos prejudiciais ao organismo”.⁴¹ Ao falar sobre as propriedades desses alimentos, a coluna explica que eles são indispensáveis para a saúde, pois contêm “celulose que provoca movimentos do intestino e progressão do bolo intestinal”, “encerram sais e vitaminas, regulam a função do intestino grosso e corrigem a acidose”, livrando as pessoas de males como a prisão de ventre,⁴² destacando que “o uso diário de frutas, legumes, verduras, leite

⁴¹ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 13 de janeiro de 1954.

⁴² *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 23 de abril, 14 e 31 de julho de 1954.

e ovos dá saúde e vigor. Este regime é um tanto mais benéfico quando ao mesmo tempo se praticam exercícios físicos ao ar livre ao sol...”⁴³

A construção de uma sociedade estruturada em uma racionalidade médica moderna pautada nos avanços tecnológicos e científicos era compreendida como determinante para a sua edificação sadia e produtiva. Por conta disso, “O Preceito do Dia” também se preocupou em reforçar a validade desse modelo de medicina para o desenvolvimento social brasileiro, até porque, a década de 1950 correspondeu a um momento de significativas transformações e inovações no campo da medicina. Uma das mais acentuadas foi o avanço das especializações dos médicos resultante do aperfeiçoamento desses profissionais.

Rapidamente, os médicos generalistas perderam espaço para os profissionais que se qualificavam em áreas específicas da medicina. Segundo Ritchie Calder, até meados da década de 1930 o comum era que os médicos tratassem os sintomas sem, no entanto, combater as causas das doenças.⁴⁴ O avanço das especializações modificou tal perspectiva e tornou mais impessoal a relação entre o médico e o paciente. Para Roy Porter, ao se fazer científica, a medicina passou a ouvir mais as enfermidades – para isso usando recursos como o raio X, o estetoscópio e os exames laboratoriais – e menos os pacientes.⁴⁵

Ao mesmo tempo, as terapias e recursos curativos originários da cultura popular ainda persistiam, assim como as práticas de automedicação, impulsionadas pelo avanço da publicidade no país, conforme registrou Olga Brites:

Se houve nesse período uma postura médica de combate aos curandeiros, ela também se fez presente quando se tratava de propaganda de remédios e produtos similares, condenadas por profissionais da saúde na medida em que fomentavam a automedicação e dispensavam a consulta, transformando rádios e bondes em consultórios médicos clandestinos... Isso não impediu o grande sucesso popular no Brasil de anúncios de remédios, incluindo clássicos do gênero, como os jingles de pílulas de vida do Dr. Ross.⁴⁶

A vantagem dos representantes da medicina popular com relação aos médicos especialistas estava na manutenção dos vínculos pessoais dos

⁴³ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 15 de julho de 1953.

⁴⁴ CALDER, R. *História da Medicina*. São Paulo: Boa Leitura, s/d. p. 38.

⁴⁵ CUETO, M. El pasado de la medicina: la historia y el oficio. Entrevista com Roy Porter. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jan./abr. 2002, p. 208.

⁴⁶ BRITES, op. cit., p. 253.

curandeiros, benzedoras e parteiras com seus “pacientes”. Já que a medicina, cada vez mais técnica e distanciada dos doentes, afastava parte da população dos consultórios e hospitais, a coluna “O Preceito do Dia” se preocupou em tentar diminuir distâncias. O arsenal discursivo da coluna se caracterizou pelo incentivo à procura regular aos profissionais da medicina (com destaque para os especialistas), pela exaltação da capacidade de cura, dos equipamentos disponíveis por tais profissionais e pela condenação explícita a busca de recursos oferecidos pelas pessoas não qualificadas para o exercício da medicina:

Nem sempre a falta de disposição para o trabalho é sinal de preguiça. Muitas vezes o cansaço fácil resulta do esgotamento físico que geralmente tem como causa algum distúrbio da doença.

Se habitualmente está indisposto para o trabalho, procure um médico, a fim de afastar a causa dessa anormalidade. SNES⁴⁷

A realização periódica de exames, o acompanhamento médico constante e a recomendação de vacinação regular fizeram parte de várias edições da coluna. Da mesma forma, “O Preceito do Dia” abordou a questão dos charlatães, combateu as práticas moralmente condenáveis como o aborto provocado e repreendeu aqueles que acreditavam em promessas de curas secretas, pois “a arte de curar não tem mistérios. Doenças, métodos de tratamento, remédios e seus efeitos não constituem segredo para os médicos. Ninguém pode, portanto, anunciar curas secretas e extraordinárias”.⁴⁸

A prevenção, o controle e as formas de contágio das doenças também mereceram especial destaque nas edições de “O Preceito do Dia”. Ao tratar do processo saúde-doença em meados do século XX, o historiador Marco Antonio Stancik afirma que, apesar do câncer se apresentar como a mais assustadora das ameaças, a tuberculose, embora seja de possível prevenção por meio da vacina BCG e até de cura após o aparecimento dos antibióticos, nunca deixou de atormentar a humanidade.⁴⁹

Naquele período, a grande questão com relação às doenças transmissíveis estava exatamente em estabelecer mecanismos de prevenção, evitando o contágio. Além da tuberculose, outras doenças, como a varíola, a poliomielite, o tétano, o sarampo, a doença de Chagas, a hanseníase e até mesmo as gripes preocupavam médicos e autoridades. A rápida disseminação

⁴⁷ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 11 de dezembro de 1954.

⁴⁸ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 21 de março de 1952.

⁴⁹ STANCIK, M. A. IN: CHAVES, N. B. *Medicina em Ponta Grossa: Histórias da Associação Médica*, v. 2. (1951-1977). Ponta Grossa: UEPG, 2007.

das enfermidades de natureza infecciosa atingia indiscriminadamente homens e mulheres, brancos e negros, ricos e pobres, crianças e idosos. Como os mecanismos de prevenção eram limitados, a informação se tornou um importante instrumento de educação social. Foi nessa perspectiva que “O Preceito do Dia” atuou, alertando a população sobre as formas de se evitar o contágio e a propagação das doenças infecciosas.

A tuberculose, a gripe, a difteria, o tétano, a varicela e a febre tífica foram as doenças sobre as quais recaíram com maior incidência as orientações da coluna, com a recomendação de que as pessoas procurassem médicos ou recorressem a postos de higiene logo que percebessem os sintomas dessas enfermidades.

A coluna se preocupou em distinguir o grau de periculosidade das doenças, escalonando aquelas que eram resolvidas com maior facilidade e as que apresentavam riscos maiores. Por exemplo, na varicela, “os sintomas gerais, via de regra, são tão benignos que podem passar despercebidos: um pouco de febre, mal estar, moleza, dor de cabeça e falta de apetite”.⁵⁰ A coluna insistiu nas informações relacionadas às maneiras de propagação e contágio das doenças, explicando, por exemplo, que doentes podem “eliminar bacilos [...] durante muito tempo” e que, por conta disso, “são especialmente temíveis como propagadores do mal”.⁵¹ Comentou ainda que “os convalescentes de febre tífica constituem perigosas fontes de propagação da doença, porque suas fezes, durante algum tempo, ainda contem bacilos”⁵² e que “nas três primeiras semanas após a cura da difteria, e até nos três primeiros meses, o indivíduo pode continuar a transmitir a doença”.⁵³ Em diversas edições, a gripe também foi alvo dos educadores do SNES. Visitas a doentes, formas de propagação, riscos de contato físico e terapias válidas foram destacados pela coluna:

Vindas das fossas nasais, da garganta e da boca de doentes e convalescentes, as gotículas de secreções que contêm o germe da gripe podem contaminar as mãos dos que com aqueles têm contacto. Pelo “aperto de mão”, outras mãos serão contaminadas e, em conseqüência, outras pessoas podem ser atingidas. Livre-se de contrair a gripe, abolindo o aperto de mão ou lavando as mãos, frequentemente, com água e sabão. SNES⁵⁴

⁵⁰ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 16 de dezembro de 1952.

⁵¹ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 04 de abril de 1954.

⁵² *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 18 de maio de 1954.

⁵³ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 04 de julho de 1953.

⁵⁴ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 06 de dezembro de 1951.

Além dessas situações explicitadas, as edições trataram das implicações das doenças infecciosas devido ao uso do álcool. A tuberculose foi apresentada como uma doença de fácil contágio, e o uso de vestimentas e calçados foram recomendados como formas de evitar riscos de infecções:

Andar descalço é prejudicial à saúde. Sem proteção do calçado, o pé fere-se com facilidade. Muitas vezes, o ferimento é produzido por farpas de madeira, pregos enferrujados ou cacos de vidro, sujos de terra, que podem conduzir, entre outros micróbios, o bacilo do tétano.⁵⁵

Finalmente, normas básicas para os comportamentos cotidianos compuseram o conjunto de textos de “O Preceito do Dia”. Compreendemos que a educação sanitária pressupõe a percepção de que a saúde é algo que se relaciona diretamente com comportamentos e valores éticos e sociais. Muitas vezes seu objetivo é implantar ou modificar hábitos sanitários encontrados em determinados conjuntos sociais. Longe de ser uma espécie de panacéia, capaz de solucionar os problemas decorrentes de determinadas práticas, tem como objetivo produzir informações que sejam úteis para minimizar ou eliminar situações de risco para indivíduos ou grupos. Do ponto de vista da higiene corporal, a coluna ressaltou por diversas vezes a necessidade dos banhos diários, informando que estes são necessários para o asseio do corpo, uma vez que

o banho frio, de chuveiro, representa excelente exercício para a pele. Ativa a circulação do sangue e proporciona agradável sensação de bem estar, principalmente se for precedido de ginástica e seguido de fricção com toalha grossa e felpuda.⁵⁶

No que diz respeito aos comportamentos pessoais diários, a coluna trouxe informações relacionadas às melhores posições para o desenvolvimento de trabalhos, ao uso de vestimentas adequadas para as diferentes estações do ano, à maneira correta de respirar, aos benefícios do repouso sistemático em determinados horários e até à forma correta de dormir:

Muitos indivíduos, por força do hábito, só conseguem dormir com as pernas e o corpo encolhidos. Mas em tal posição ficam comprimidos o pulmão e o diafragma, dificultando a respiração, bem como a circulação do sangue nos membros. São esses alguns dos motivos porque várias pessoas acordam, de manhã com a impressão de cansaço sentida antes de dormir.

Habitue-se a dormir com o corpo distendido, para que o organismo aproveite convenientemente as horas de sono. SNES⁵⁷

⁵⁵ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 07 de março de 1952.

⁵⁶ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 24 de novembro de 1954.

⁵⁷ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 03 de janeiro de 1953.

Ainda relacionado aos comportamentos individuais, as edições da coluna ensinavam que ao assoar o nariz, as pessoas deveriam evitar “tapar as duas narículas ao mesmo tempo”;⁵⁸ ao escolher um calçado “no trabalho, como nos esportes é necessário usar sapatos que permitam inteira liberdade de movimento”;⁵⁹ que os ouvidos deveriam ser limpos periodicamente, pois a cera do ouvido “tem por fim reter impurezas que possam penetrar no ouvido. Quando, entretanto, se acumula em maior quantidade pode perturbar a audição”.⁶⁰

Questões relativas ao uso de eletrodomésticos, objetos e espaços insalubres também foram contempladas pela coluna. A orientação era para que as pessoas evitassem que “os alimentos fiquem estragados, comprando ou improvisando em sua casa uma geladeira”,⁶¹ de que o quarto dos doentes deveria “ser convenientemente ventilado”, pois “o ar imobilizado tem, sobre os enfermos, ação ainda mais nociva do que sobre os sadios”⁶² e que o uso de óculos era destinado “a corrigir defeitos da visão”, sendo “receitados por médico oculista”.⁶³

Por fim, as regras morais e sociais apareceram atreladas aos princípios educacionais em diversas edições da coluna. As recomendações se direcionaram, por exemplo, ao contágio de doenças por meio de práticas socioculturais como o aperto de mãos, uma vez que estas “podem estar contaminadas por micróbios patogênicos que venham das fossas nasais, da garganta, da boca, do intestino...”, portanto, recomendava-se abolir o “aperto de mão, principalmente em época de incidência de enfermidades”.⁶⁴

Nessa mesma linha das sociabilidades, “O Preceito do Dia” ensinou que o beijo era um grande transmissor de doenças, pois nas “mucosidades do nariz e da garganta, podem ser encontrados germes da gripe, da tuberculose, etc. nas feridas dos lábios e da língua podem existir micróbios da sífilis”.⁶⁵ Princípios comportamentais e sociais, num emaranhado que confirma que a educação sanitária é composta de condicionantes que ultrapassam o campo da saúde, também foram destacados, por exemplo, quando a coluna tratou da possível relação existente entre as empregadas domésticas e a tuberculose:

⁵⁸ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 23 de fevereiro de 1954.

⁵⁹ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 20 de janeiro de 1955.

⁶⁰ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 08 de abril de 1955.

⁶¹ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 05 de dezembro de 1951.

⁶² *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 03 de julho de 1952.

⁶³ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 05 de janeiro de 1955.

⁶⁴ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 06 de outubro de 1954.

⁶⁵ *Diário dos Campos*. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 19 de março de 1954.

As crianças, pelas suas condições especiais de sensibilidade, adquirem facilmente a tuberculose. Amas e outras empregadas têm grande papel na contaminação das crianças, principalmente porque, parecendo sadias podem ser tuberculosas.

Não admita ama ou outra empregada em sua casa sem que seus pulmões tenham sido examinados pelos raios X. SNES⁶⁶

Considerações Finais

Amiúde, a coluna tratou de temas cotidianos e que se espraiam numa grande variedade de perspectivas: da importância da geladeira na conservação dos alimentos até a posição ideal para o bom sono, passando pelo tabu do consumo do leite com frutas ácidas, pela relação entre as empregadas domésticas e a tuberculose e até mesmo pela forma ideal de se assoar o nariz. Essa amplitude de temas confirma a assertiva de que a educação sanitária mantém um diálogo permanente com as questões comportamentais, éticas, morais e sociais e traduz a riqueza das informações contidas na coluna.

Ao deixar de ser publicada no “Diário dos Campos”, a coluna “O Preceito do Dia” acumulava um grande número de informações práticas dirigidas ao grosso da população ponta-grossense. Os “preceitos”, apesar de simples, possivelmente foram lidos com atenção durante os anos em que foram impressos no jornal e contribuíram para a adoção de práticas sanitárias úteis para muitas pessoas. Evidentemente, as colunas expressaram a preocupação do Estado brasileiro (através do SNES) no sentido de reproduzir para as massas os princípios gerais da higiene e do combate a doenças, sejam elas físicas, sociais ou morais. Os textos que integraram “O Preceito do Dia” expressaram valores, padrões de relacionamentos, estruturas mentais e materiais e perfis socioculturais próprios à sociedade brasileira – e também ponta-grossense – daquele período. Portanto, entendemos que essa coluna deve ser compreendida como uma importante (re)produtora de discursos específicos que objetivavam educar todos aqueles que tiveram acesso ao seu conteúdo.

Artigo recebido para publicação em: 19/10/2012

Artigo aprovado para publicação em: 02/05/2013

⁶⁶Diário dos Campos. O Preceito do Dia. Ponta Grossa, 03 de dezembro de 1954.